

ORIBEL

CULTURA & INFORMAÇÃO

Conheça a história do grupo que transformou a arte em pertencimento, abriu caminhos para novos talentos e fez do palco um lugar para sonhar, criar e existir.

SETEMBRO

20
26

GPMS

EDIÇÃO ESPECIAL

40 anos

GRUPO PALCO DOS MIL SONHOS

CARTA AO *Leitor*



Suellen Cicotti Históriadora,
Jornalista, Escritora e
Gerente de Projetos.
Fundadora da Oribel ONG.

Caro leitor,

É com grande carinho que apresentamos a ORIBEL Cultura e Informação, uma revista gratuita criada para aproximar pessoas de histórias, ideias, manifestações culturais e diferentes formas de enxergar o mundo.

Como escritora e pesquisadora, acredito que informar também é uma forma de transformar. A cultura está presente na música, no teatro, na dança, nas festas populares, na literatura, nas tradições e, principalmente, nas pessoas que dedicam suas vidas a manter essas histórias vivas.

Por isso, cada edição nasce de uma pesquisa, de uma conversa, de uma descoberta e do desejo de compartilhar conhecimento de maneira acessível. Acreditamos que o conhecimento é um direito de todos, e que a leitura pode abrir portas, despertar curiosidades e nos levar a lugares que talvez nunca tivéssemos imaginado conhecer.

Nesta revista, queremos falar de cultura sem distância e sem complicação. Queremos apresentar artistas, pesquisadores, mestres, grupos e comunidades, dando visibilidade a histórias que muitas vezes não chegam aos grandes espaços.

Queremos também que você se permita descobrir. Que uma reportagem desperte uma pergunta, que uma história provoque uma lembrança, que um personagem inspire você e que, ao fechar estas páginas, exista o desejo de conhecer ainda mais.

Porque quando conhecemos nossa cultura, conhecemos um pouco mais de nós mesmos. Que a ORIBEL Cultura e Informação seja esse lugar de encontro entre você e as histórias que fazem o nosso Brasil ser tão diverso, criativo e cheio de vida.

Boa leitura. Que estas páginas despertem sua curiosidade e façam você se apaixonar ainda mais pela cultura e pelas palavras.
Com Carinho;

Suellen Cicotti

EDITORIAL



Associação Oribel
Fundada em 2023
Editora : Suellen Cicotti
CNPJ :52.153.951/0001-02



Diretora de Redação :
Suellen Cicotti **Editores**
Diego Anástacio e Camila
Guerrera. **Designers:** Otto
Carvalho.
Colaboração: Suellen
Cicotti (texto)

Redação e correspondência:
Rua Prof Ciridiao Buarque
75,Bloco 1 sl 73A
Vila Anglo Brasileira
São Paulo-SP
05028-000

Contato e informações :
contato@oribel.org.br
(21) 9 7286-0452

SUMÁRIO

O tempo passa. A arte permanece.	04
UM QUILOMBO DE SABERES	09
UMA CULTURA de ACREDITAR	10
A celebração da Diferença	11
A escola sem muros	13
QUATRO DÉCADAS	16
UM QUILOMBO EM MOVIMENTO	20
GPMS nos Palcos	21
Nota da Autora	24
NELSON DIAS	25
Esmeralda e Herik	28
DERICK OLIVER	30
Mery Ribeiro	32
VANDA FERREIRA	37

Realização:

Oribel
Viabilizando a Cultura

Oribel
Rio

GPMS

1987



Inicio

O TEMPO PASSA. A ARTE PERMANECE.

Há sonhos que o tempo não apaga.

Há histórias que atravessam gerações e permanecem vivas na memória.

Há arte que acolhe, transforma e cria pertencimento.

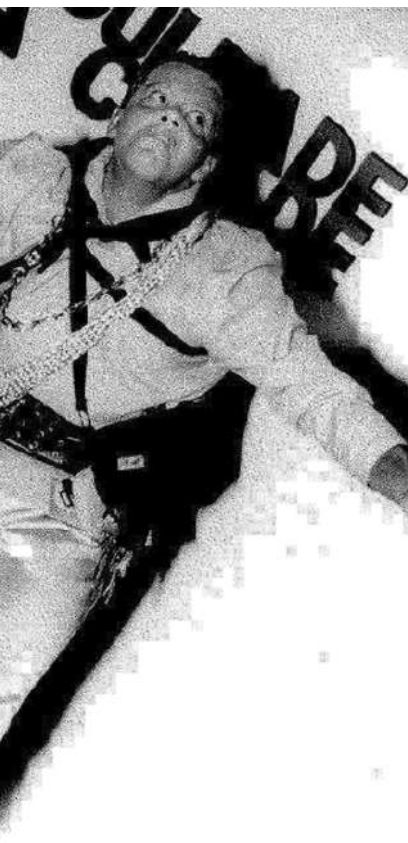
Há 40 anos, o GPMS faz do palco um lugar onde sonhos encontram voz, corpo e vida.



LEÔNIDAS LOPES

“Leônidas fez do sonho uma missão e do palco um lugar para transformar vidas.”

Aos 11 anos, Leônidas Lopes já se reconhecia como ator. Em 1986, esse encantamento pelo palco ganhou forma e se transformou no Grupo Palco dos Mil Sonhos. O que começou como uma necessidade de montar espetáculos e ocupar espaços culturais rapidamente se tornou algo maior: um lugar de encontro, criação, formação e expressão.



No início, não havia tantas separações. Teatro, dança, capoeira, música, moda e artes cênicas conviviam no mesmo espaço. A garagem de casa virou sala de aula; os encontros de fim de semana reuniam crianças, jovens e adultos; e o conhecimento circulava de pessoa para pessoa.

As primeiras oficinas eram gratuitas, construídas muito mais pela vontade de fazer do que pela estrutura disponível, o que se mantém até hoje o acesso SEMPRE gratuito.

Foi também nesse caminho que uma identidade começou a se revelar. Ao perceber que os temas, os figurinos e as apresentações traziam cada vez mais referências à cultura negra, Leônidas entendeu que o GPMS estava construindo, naturalmente, um espaço de afirmação. Em uma época em que os padrões de beleza eram fortemente marcados por referências eurocêtricas, o grupo abria espaço para que pessoas negras ocupassem o palco sendo reconhecidas por sua própria beleza, presença e potência.

Talvez uma das maiores marcas de sua trajetória esteja justamente na forma de fazer. Leônidas aprendeu que não precisava ter tudo pronto para começar. Figurinos eram criados coletivamente, materiais que seriam descartados ganhavam novas possibilidades e integrantes aprendiam uns com os outros. Assim, o fazer artístico também se transformava em aprendizado, autonomia e pertencimento.

Quatro décadas depois, o GPMS carrega algo que vai além dos espetáculos. Carrega vínculos. Filhos chegaram depois dos pais, netos começaram a ocupar os mesmos espaços e pessoas que passaram pelo grupo continuam conectadas por histórias que o tempo não desfez. Para Leônidas, esses laços são parte daquilo que o grupo construiu ao longo dos anos.

E talvez seja justamente aí que esteja a dimensão mais bonita desse sonho: o Palco dos Mil Sonhos nunca foi apenas o sonho de Leônidas. Como ele próprio percebeu ao longo da caminhada, cada pessoa que chega traz consigo um sonho, uma história e uma energia. Quando todos se encontram, o sonho deixa de ser individual e passa a pertencer a muitos.



Palco dos Mil Sonhos

No dia 20 de novembro realizou-se o Concurso "De-File Visual 87" no salão nobre do Madureira Esporte Clube, tendo como patrocinador a Academia Tonus, Salão Tonus e a loja Thaiane Nunes Confecções. Apoio da loja Marcelo Decorações, JORNAL DE VILA ISABEL, O Tijucão, Globo Madureira e das Rádios Bandeirantes e Manchete.

Contou ainda com a presença do Jornalista Argemiro de Oliveira do Jornal de Vila Isabel, Sra. Fêda Freire, a modelo exclusiva do grupo Roselene Melo.

A direção geral esteve a cargo de Léo Lopes e Elaine Leite. Além de escritor, diretor e ator, Léo Lopes é o presidente do Grupo e está com toda



mais nome para o grupo, e com isto abrir maior espaço

presidente do Grupo e também atriz e escritora. Atualmente está preparando um livro de poesias que deverá ser lançado em meados de 1988.

O grupo Palco dos Mil Sonhos, conta ainda com a participação da atriz Lilly Hills que está cursando aulas de canto, para futuro próximo, mostrar seu talento como cantora. Também registramos a presença da atriz Fátima Mourão, cearense, radicada há 3 anos no Rio, além de realizar seu grande sonho de se tornar uma grande estrela. Finalmente o sonoplasta Mauricio Wainfas que até o final do ano já deverá estar operando no som.

O Grupo Palco dos Mil Sonhos tem dois projetos até o final de 1987:

O Grupo Palco dos Mil Sonhos, realizou no dia 5 de setembro, o grande concurso "Gata Gata 87" no Colégio Salesiano de Rocha Miranda, que contou com a presença do Vereador Chico Aguiar como jurado e representante do Jornal TIJUCÃO. O concurso teve o patrocínio de Acadêmicos TONUS e LEON MODELS e apoio de SALÃO TONIS, JAFRA e da Direção do Salesiano.

A Direção Geral deste evento ficou com Léo e Elaine. Além de escritor, diretor e ator, Léo de 19 anos, cursa o Pré-Vestibular no Salesiano e ultimamente está entrando numa de produtor. Léo, também está com a Peça Infantil Maria Minhoca, de Maria Clara Machado, com Direção de Hilda Freire, no Teatro Santo Rodrigues no Rocha. Elaine Leite de 16 anos, está cursando o segundo grau no Colégio GPI, é atriz e também se dedica a es-



O Grupo Palco dos Mil Sonhos

crever peças infantis. No momento está em fase de montagem da Peça Princesinha Chameça de sua autoria. Do Grupo, além de Léo Lopes e Elaine Leite, fazem par-

"Na década de 80, em meio às ausências e aos poucos espaços destinados à população negra e periférica, o GPMS se tornou um verdadeiro quilombo cultural: um lugar onde corpos, talentos, histórias e identidades negras podiam existir, criar, sonhar e, sobretudo, encontrar pertencimento."

1980 - Antes do GPMS



Peça João e Maria

Direção: Leônidas Lopes



Estranho Amor
Parque Lage - 1995

AMARTE - AMOR À ARTE - (Espetáculo vencedor do 1º Festival de Teatro do SEERJ). Texto e direção de Léo Lopes. Com Léo Lopes, Aldiza Soares e André Marcos. Teatro TESE - Rua Heitor Beltrão, 353 - Tijuca - 228-2938. Sextas e Sábados às 21h. Domingos às 20h. Desconto de 30% no preço de bilheteria. CUPOM GRÁTIS NOMINAL. O associado obrigatoriamente terá que levar um acompanhante que pagará com desconto.



LEONIDAS LOPES em "AMARTE"

Esdetáculo AMARTE
AMOR À ARTE 1993



Oribel
Vozilhando a Cultura



Festival Dança Afro
1987 Colégio Salesiano



“HÁ 40 ANOS, O GPMS TRANSFORMA A ARTE EM TERRITÓRIO DE PERTENCIMENTO: UM QUILOMBO DE SABERES ONDE GERAÇÕES SE ENCONTRAM, A CULTURA NEGRA SE FORTALECE, O CONHECIMENTO É COMPARTILHADO, AS DIFERENÇAS SÃO RESPEITADAS E CADA PESSOA APRENDE NÃO APENAS A OCUPAR O PALCO, MAS A RECONHECER O SEU PRÓPRIO VALOR E O SEU DIREITO DE SONHAR.”



Oribel
Visitando a Cultura

GPMS

EDIÇÃO SETEMBRO DE 2026

08

UM QUILOMBO DE SABERES,

ONDE A ARTE UNE AS DIFERENÇAS

Há lugares onde as pessoas chegam para aprender. Há lugares onde chegam para ensinar. E há lugares, como o GPMS, onde essas duas coisas acontecem ao mesmo tempo.

Na década de 1980, o Grupo Palco dos Mil Sonhos começou a construir uma experiência que ultrapassaria os limites de um grupo artístico. O que nasceu ligado ao palco foi, aos poucos, se transformando em uma rede de pessoas, linguagens, histórias e saberes. Teatro, dança, capoeira, música, moda, produção, figurino e tantas outras expressões passaram a existir juntas, não como atividades isoladas, mas como partes de uma mesma experiência cultural.

É por isso que pensar o GPMS apenas como um grupo de teatro é pouco. O GPMS é uma experiência de arte integrada.



Ali, quem sabe capoeira encontra quem quer aprender. Quem conhece teatro ajuda quem está chegando. Quem sabe tocar um instrumento pode ensinar quem quer descobrir a música. Quem já participou de uma montagem compartilha aquilo que aprendeu com quem está entrando pela primeira vez. O conhecimento não fica parado nas mãos de uma única pessoa: ele circula.

É uma comunidade onde o saber de um pode se tornar o ponto de partida para o sonho do outro. E talvez esteja justamente aí uma das maiores riquezas dessa história.

UMA CULTURA DE ACREDITAR QUE A ARTE PODE SALVAR

Existe uma crença que atravessa essa experiência: a cultura transforma vidas.

Não como uma frase bonita para ser colocada em um projeto, mas como uma prática construída durante décadas.

A arte aparece como possibilidade de encontro, expressão, autoestima e descoberta. O palco não serve apenas para apresentar um espetáculo. Ele permite que alguém descubra que consegue cantar, dançar, interpretar, desfilar, produzir, tocar, criar um figurino ou simplesmente estar ali diante dos outros sem precisar pedir licença para existir.

O próprio GPMS apresenta sua atuação como uma forma de promover autoestima, desenvolver talentos e transmitir valores que possam acompanhar seus participantes ao longo da vida. Seus cursos livres de teatro, modelo e dança são gratuitos.

E ser gratuito é parte importante dessa história.

Porque, quando a formação artística é colocada à disposição de quem talvez não pudesse pagar por ela, a cultura deixa de ser privilégio e passa a ser possibilidade.

TRIBOS QUE SE ENCONTRAM

Talvez a melhor maneira de compreender o GPMS seja imaginar diferentes tribos culturais convivendo dentro de um mesmo território.

Há quem chegue pela dança.

Quem chegue pelo teatro.

Quem venha pela capoeira.

Quem queira desfilar.

Quem descubra a música.

Quem queira aprender a fazer figurinos.

E essas pessoas não precisam escolher uma única identidade.

Elas podem atravessar as linguagens.

Podem aprender umas com as outras.

Podem experimentar.

Podem errar.

Podem ensinar.

É uma união organizada em torno da arte.

Não uma uniformidade.

E essa diferença é fundamental.

O coletivo não existe porque todos são iguais.

Existe porque as diferenças encontram uma forma de conviver e produzir juntas.



A celebração da Diferença

Ao longo de sua trajetória, o GPMS reuniu pessoas de diferentes idades, corpos, identidades e histórias. A experiência inclui pessoas negras, pessoas LGBTQIA+, pessoas com deficiência, pessoas cegas, cadeirantes e modelos trans, entre tantos outros sujeitos que encontram na arte uma possibilidade de participação e expressão.

Essa diversidade não precisa ser escondida para que o grupo funcione.
Ela faz parte do grupo.

Uma pessoa com deficiência não precisa ocupar necessariamente um espaço separado. Uma pessoa trans não precisa deixar sua identidade na porta. Um corpo fora dos padrões tradicionais de beleza não precisa ser transformado para merecer o palco.

O palco pode receber todos esses corpos.



E, mais do que recebê-los, pode permitir que eles sejam protagonistas. É nesse sentido que a acessibilidade ganha uma dimensão que vai além da estrutura física. Ela também está na possibilidade de pertencer, participar, aprender, ensinar e ser reconhecido como parte do coletivo. No GPMS, a convivência com a diferença também se torna um aprendizado.

Aprende-se que uma pessoa pode enxergar de outra maneira.

Pode andar de outra maneira.

Pode ter outro corpo.

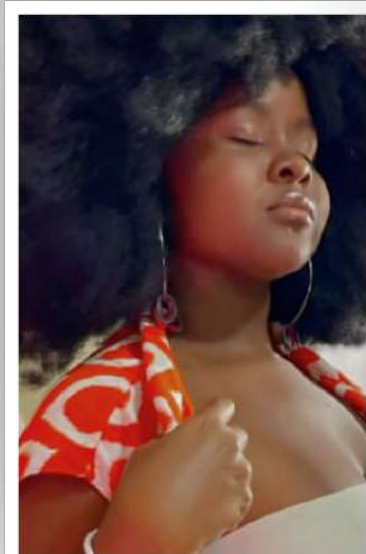
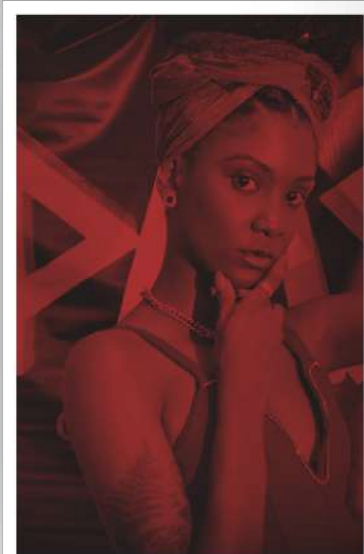
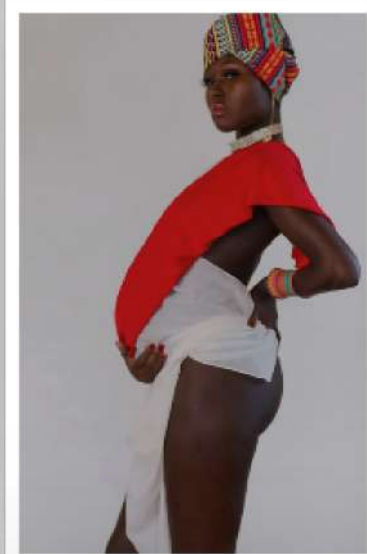
Outra idade.

Outra identidade.

Outra história.

E ainda assim existe algo que pode ser construído junto.

A diferença não interrompe a arte. A diferença amplia a arte.



Um lugar de Empoderamento

A escola sem muros

Oribel
Vulgarizando a Cultura

ESPETÁCULO
O LEVANTE
NEGRO

20
22

O LEVANTE NEGRO • O LEV

gpmis.madeira gpmis.madeira

Direção Geral: Leônidas Lopes

Teatro João Caetano R\$ 20,00

Dia 16/09
Sex 19h

Aldegaso
cedite cin
GPMIS

EDIÇÃO SETEMBRO DE 2026



EMPODERAMENTO

Essa experiência também produz empoderamento.

Não apenas porque coloca pessoas no palco, mas porque ajuda cada participante a perceber que possui alguma coisa para oferecer.

Um conhecimento; Uma habilidade; Uma história; Um corpo; Uma voz; Um olhar.

Um jeito próprio de criar.

É especialmente significativo quando pensamos na trajetória de valorização da identidade negra construída pelo GPMS.

O grupo passou a desenvolver, especialmente a partir do final dos anos 1980, trabalhos nos quais a cultura e a estética negra ganharam espaço e visibilidade. Leônidas relata que essa dimensão racial foi se tornando uma prática constante dentro do grupo.

Nesse processo, falar de beleza também é falar de poder.

Ensinar alguém a reconhecer a beleza de seu próprio corpo é também ensinar que ela não precisa caber no padrão estabelecido pelo outro.

É olhar para corpos negros, corpos gordos, corpos com deficiência, corpos trans, corpos que durante muito tempo foram afastados dos espaços de representação, e dizer: vocês também podem estar aqui.

A transmissão de saberes acontece até mesmo naquilo que poderia parecer apenas parte da produção de um espetáculo.

Durante a trajetória do GPMS, figurinos e cenários foram produzidos artesanalmente, muitas vezes com materiais reaproveitados. Os próprios participantes aprendiam a construir as peças necessárias para as apresentações.

Isso cria uma relação diferente com o objeto.

Uma roupa deixa de ser simplesmente uma roupa. Ela passa a carregar uma história.

Quem ensinou a fazê-la.

Quem aprendeu.

Quem a vestiu.

Em qual espetáculo esteve.

Quantas pessoas passaram por aquele processo.

O objeto se transforma em memória.

E a memória se transforma em patrimônio.

É assim que o GPMS preserva saberes: não apenas guardando aquilo que foi feito, mas ensinando alguém a fazer novamente.



Em determinado momento de sua história, uma garagem tornou-se espaço de formação.

Depois vieram outros lugares, oficinas e encontros.

As estruturas mudaram, mas a essência permaneceu: aprender fazendo, trocar experiências e construir coletivamente.

Por isso, o GPMS também pode ser entendido como uma escola.

Mas uma escola que não cabe em uma sala.

Uma escola onde o professor pode ser o aluno de amanhã. Onde o aluno pode descobrir que também tem algo para ensinar.

Onde uma criança pode aprender com um adulto e um adulto pode reaprender com uma criança.

Onde a experiência de uma pessoa mais velha encontra a energia de um jovem.

Onde alguém que já domina uma linguagem abre caminho para quem está chegando.

O conhecimento não tem dono. Tem continuidade.

QUATRO DÉCADAS

De transmissão de saberes



EDIÇÃO SETEMBRO DE 2026



Ao longo de 40 anos, o GPMS construiu algo que nenhum espetáculo sozinho seria capaz de construir: uma memória coletiva.

Oribel
Viabilizando a Cultura

Pessoas que passaram pelo grupo levaram consigo conhecimentos, relações, experiências e valores. Algumas permaneceram próximas. Outras seguiram seus próprios caminhos.

Filhos e netos também chegaram ao universo construído pelo grupo.

É assim que uma história cultural atravessa gerações.

Não apenas através de documentos.

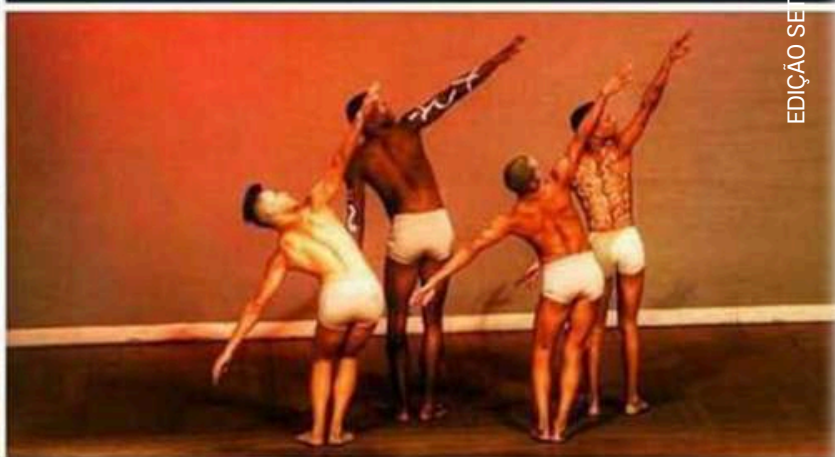
Não apenas através de fotografias.

Não apenas através de apresentações.

Mas através das pessoas.

Oribel

Vitalizando a Cultura



EDIÇÃO SETEMBRO DE 2026



Uma mão entrega à outra aquilo que aprendeu.

Uma voz abre espaço para outra voz. E, quando isso acontece durante décadas, a cultura deixa de ser apenas atividade.

Torna-se legado.

EDIÇÃO SETEMBRO DE 2026





O LEGADO GPMS



UM QUILOMBO EM MOVIMENTO

Chamar o GPMS de quilombo cultural é reconhecer sua capacidade de criar pertencimento, reunir diferenças, preservar saberes e fortalecer identidades.

É pensar em um espaço onde ninguém precisa ser igual para fazer parte.
Onde as diversas linguagens se encontram.
Onde as pessoas se apoiam para que a apresentação aconteça.
Onde quem sabe ensina.
Quem não sabe aprende.
Quem chegou primeiro acolhe quem está chegando.
E onde cada participante pode descobrir que possui algo importante para colocar no mundo.



GPMs nos Palcos



Vestido de Noiva

Maio/2024 -
Teatro Gonzaguinha



EDIÇÃO SETEMBRO DE 2026



Talvez essa seja uma das maiores marcas dos 40 anos do GPMS: ter transformado a arte em território de encontro e o encontro em uma forma de resistência.

Porque ali não se ensina somente a dançar, atuar, desfilar, cantar ou tocar.

Ensina-se a conviver.

Ensina-se a respeitar.

Ensina-se a reconhecer a beleza que existe no outro e em si mesmo.

Ensina-se que um coletivo pode ser formado por diferenças sem precisar eliminá-las.

E, sobretudo, ensina-se uma ideia simples e poderosa:

a cultura não é apenas aquilo que fazemos juntos; é aquilo que nos ajuda a continuar juntos.

Quarenta anos depois, o GPMS permanece como um quilombo de saberes em movimento, onde a arte circula de mão em mão, de corpo em corpo, de geração em geração, mantendo acesa a possibilidade de que cada pessoa encontre não apenas um palco, mas um lugar para ser, criar, aprender, ensinar e pertencer.

Nota da Autora

“Se eu pudesse escolher uma única palavra para definir o GPMS depois de conhecer e acompanhar parte de sua trajetória, essa palavra seria: pertencimento.

Como jornalista, ao longo de mais de dez anos, aprendi que algumas histórias não podem ser contadas apenas por números, datas ou quantidade de apresentações. É preciso observar o que acontece com as pessoas quando elas encontram um lugar onde podem simplesmente ser. E é isso que mais me chama atenção no GPMS.

Em uma sociedade cada vez mais marcada pela pressa, pela intolerância e pela dificuldade de conviver com aquilo que é diferente, existe, há décadas, um espaço onde as pessoas se encontram e constroem vínculos através da arte. Ali, antes de qualquer habilidade, existe espaço para a pessoa. Não importa de onde ela vem, qual é o seu corpo, sua idade, sua identidade, sua orientação, sua condição ou o que carrega consigo. Ela chega e encontra uma porta aberta.

E talvez seja justamente isso que explique a força do GPMS ao longo de quatro décadas. As pessoas não estão ali apenas para aprender teatro, dança, capoeira, música, moda ou qualquer outra linguagem artística. Elas estão ali para pertencer. Para descobrir que sabem alguma coisa, que podem ensinar alguma coisa, que podem aprender com o outro e que existe um lugar onde sua presença importa.

O GPMS reúne diferentes “tribos” em torno de um mesmo propósito: a arte. Quem sabe ensina quem quer aprender. Quem já está há anos acolhe quem acaba de chegar. Quem domina uma linguagem compartilha seu conhecimento. E, dessa troca, nascem os espetáculos, os figurinos, as músicas, as coreografias, as apresentações e, principalmente, os vínculos.



AUTORA DA REVISTA

Suellen Cicotti

É uma organização que não precisa apagar as diferenças para criar unidade. Ao contrário: é justamente a diversidade de seus corpos, histórias e saberes que constrói a identidade do grupo.

Ali podem estar juntos modelos trans, artistas cegos, cadeirantes, pessoas negras, pessoas LGBTQIA+, crianças, jovens, adultos e idosos. Pessoas com histórias completamente diferentes, mas que encontram na arte uma linguagem comum. Não se trata de colocar cada diferença em um lugar separado. Trata-se de criar condições para que todos possam ocupar o mesmo espaço, aprender uns com os outros e construir alguma coisa juntos. Talvez essa seja uma das maiores lições deixadas pelo GPMS: conviver também é uma forma de aprendizado.

Em tempos tão difíceis, em que tantas pessoas se sentem julgadas, excluídas ou obrigadas a se encaixar em padrões para serem aceitas, encontrar um lugar onde alguém possa chegar como é e ser recebido é algo profundamente transformador. Por isso, falar dos 40 anos do GPMS é falar de arte, mas não somente de arte. É falar de memória, identidade, autoestima, transmissão de saberes, inclusão e pertencimento.

Porque alguns lugares formam artistas. Outros formam pessoas. O GPMS, ao longo de quatro décadas, parece ter escolhido fazer as duas coisas ao mesmo tempo.



NELSON DIAS

O professor que reencontrou no palco o aluno que nunca deixou de sonhar



O GPMS abriu as portas para as raízes negras”
Ao falar sobre o Grupo Palco dos Mil Sonhos, Nelson Dias não fala apenas de teatro.

Ele fala de representatividade.

Na visão do jornalista, o GPMS teve um papel importante ao abrir espaço, ainda na década de 1980, para referências negras em um momento em que os padrões de beleza predominantes eram fortemente influenciados por referências americanizadas.

Para Nelson, o grupo trouxe luz para uma beleza que muitas vezes não encontrava espaço suficiente nos palcos e nos espaços de representação.

O GPMS passou a apresentar pessoas negras não apenas como personagens secundários, mas como protagonistas de suas próprias histórias.

Algumas histórias da cultura parecem esperar o momento certo para voltar a se encontrar.

Nos anos 1980, em uma produtora teatral localizada na Rua Ataúlfo de Paiva, no Leblon, o jornalista e produtor Nelson Dias dava aulas de teatro. Entre seus alunos estava um jovem chamado Leônidas Lopes – dedicado, aplicado e profundamente interessado em aprender.

Leônidas era daqueles alunos que não passavam despercebidos.

Nelson acompanhou sua formação, viu aquele jovem se dedicar ao teatro e, depois da conclusão de seus estudos, a vida seguiu seus caminhos. Como acontece tantas vezes, professor e aluno perderam o contato.

O que Nelson não sabia naquele momento era que aquele aluno ainda faria história.

O reencontro que aconteceu pela cultura

Os anos passaram. Nelson seguiu sua trajetória como jornalista, produtor de televisão e produtor teatral. Leônidas seguiu construindo sua própria caminhada artística.

Ainda sem redes sociais, a informação circulava de outras maneiras: pelos palcos, pelos jornais, pelas conversas, pelos comentários de quem acompanhava a cena cultural.

E havia um nome que Nelson começou a ouvir cada vez mais:

GPMS.

O grupo era comentado, reconhecido e começava a ocupar um espaço próprio dentro da cultura.

Foi somente nos anos 1990 que Nelson descobriu uma coincidência que transformava aquela história em reencontro:

o GPMS era o grupo criado por seu antigo aluno, Leônidas Lopes.

O jovem aplicado que um dia havia sentado em sua sala de aula agora estava à frente de um grupo que começava a deixar sua própria marca.

E, para Nelson, essa descoberta também significava perceber que aquele aluno havia levado para a vida aquilo que um dia buscava aprender no teatro.



E essa mudança, para ele, não pode ser vista apenas como uma questão estética.

É uma mudança de lugar.

De quem pode estar no palco.

De quem pode ser visto.

De quem pode ser reconhecido como artista.

De quem pode ocupar espaços de criação e protagonismo.

Quando a arte muda o olhar

Na leitura de Nelson, uma das contribuições mais significativas do GPMS foi justamente ajudar a ampliar aquilo que o público entendia como beleza e como possibilidade artística.

O grupo trabalhou com diferentes corpos, diferentes histórias e diferentes formas de expressão.

Pessoas negras.

Pessoas com deficiência.

Pessoas plus size.

Pessoas que, durante muito tempo, encontraram portas fechadas nos espaços tradicionais de representação.

Para Nelson, o GPMS ajudou a antecipar uma discussão que hoje ocupa um espaço muito maior no mercado cultural e artístico.

Ele entende que o grupo abriu caminhos para que outros corpos e outras identidades pudessem ser vistos não como exceção, mas como parte da própria cena.

E talvez seja justamente aí que esteja uma das maiores forças dessa trajetória.

O GPMS não esperou que o mercado mudasse para começar a representar.

Ele começou a representar para ajudar a mudar o olhar do mercado.

Da ausência de protagonismo à possibilidade de escolha Nelson também chama atenção para uma transformação importante na representação da população negra nas artes.

Durante muito tempo, personagens negros foram associados, em grande parte, a papéis limitados e estereotipados – como escravizados, empregados ou personagens secundários.

Na sua percepção, experiências como a do GPMS contribuíram para ampliar esse imaginário.

O artista negro poderia ser bailarino.

Ator; Modelo; Cantor; Coreógrafo; Diretor; Produtor ; Protagonista.

Poderia ocupar o palco simplesmente como artista.

Essa mudança não acontece de um dia para o outro. É construída por grupos, artistas e pessoas que insistem em ocupar espaços e criar novas possibilidades.

E é nesse processo que Nelson enxerga a importância do trabalho desenvolvido por Leônidas.

O aluno que se tornou referência

Existe algo especialmente bonito nessa história.

Nelson foi professor de Leônidas.

Ensinou teatro ao jovem que ainda estava começando a construir seu caminho.

Anos depois, descobriu que aquele aluno havia criado um grupo que atravessaria décadas e reuniria gerações de artistas.

O professor viu o aluno crescer à distância.

E quando finalmente reencontrou sua trajetória, encontrou não apenas o jovem que havia conhecido, mas um homem que havia transformado o conhecimento recebido em uma experiência coletiva.

Talvez esse seja um dos sentidos mais bonitos da educação artística:

o professor ensina, mas nunca sabe exatamente até onde aquilo que ensinou vai chegar.

Uma aula pode terminar.

Um curso pode acabar.

As pessoas podem perder contato.

Mas o conhecimento continua caminhando.

No caso de Leônidas, ele ganhou palco, corpo, movimento e muitas vozes.

Uma história que atravessou gerações

Hoje, ao olhar para o GPMS, Nelson Dias identifica uma experiência que ultrapassou os limites de um grupo artístico.

Para ele, o legado está também na possibilidade de ter contribuído para uma cultura em que pessoas negras, pessoas com deficiência, pessoas plus size e diferentes corpos possam encontrar espaços de representação e protagonismo.

É uma história sobre arte, mas também sobre visibilidade.

Sobre identidade.

Sobre o direito de ser visto.

E, principalmente, sobre o poder que existe quando alguém abre uma porta para que outra pessoa possa entrar.

Nos anos 1980, Nelson abriu uma porta para um jovem aluno.

Décadas depois, aquele aluno havia ajudado a abrir muitas outras.

E talvez seja assim que a cultura permanece viva: uma pessoa ensina, outra aprende, transforma aquilo que recebeu e, um dia, abre uma nova porta para quem ainda está chegando.

“O GPMS abriu portas para as raízes negras e deu luz a uma beleza que precisava ser vista.”

Nelson Dias – jornalista, produtor de TV e produtor teatral



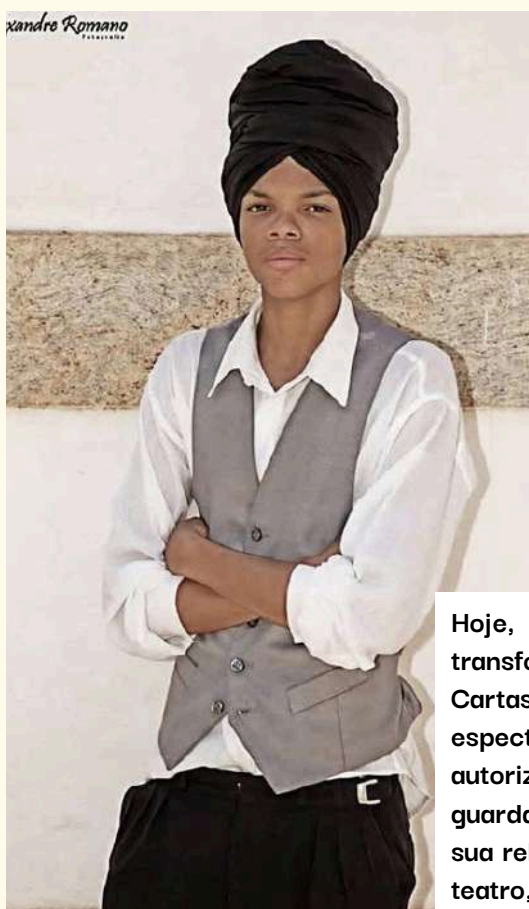
Esmeralda e Herik

UMA HISTÓRIA QUE COMEÇOU PELO AFETO

Há encontros com a cultura que começam de maneira simples: uma mãe acompanhando o caminho do filho e descobrindo, junto com ele, um novo universo.

Foi assim com Esmeralda de Souza, hoje com 59 anos. Há cerca de 20 anos, quando seu filho Herik ainda era criança, ela conheceu o GPMS e começou a acompanhar o trabalho do grupo. O primeiro contato aconteceu pelas redes sociais, e a curiosidade logo se transformou em aproximação.

Herik já demonstrava interesse pelo teatro e também pelo universo da moda. Esmeralda procurou Leônidas para entender melhor como funcionava o grupo. Depois da conversa, levou o filho para conhecer o espaço, e aquele primeiro contato abriu caminho para uma experiência que marcaria a trajetória dos dois.



Para Esmeralda, acompanhar o filho significou também conhecer novas possibilidades através da arte. Para Herik, o GPMS tornou-se um espaço de descoberta, convivência e expressão.

É uma história que mostra como a cultura também pode entrar em uma família pelas mãos de uma criança. Uma mãe que acompanha, incentiva e abre caminhos. Um filho que encontra no palco a possibilidade de descobrir novos sonhos.

Porque, às vezes, o primeiro passo de uma trajetória artística começa simplesmente com alguém dizendo: “vamos conhecer”.

Hoje, Herik segue fazendo da arte um caminho de expressão e transformação. Está no elenco da peça “Oluko – O Professor de Sonhos em Cartas”, no Rio de Janeiro, espetáculo que já alcançou mais de 10 mil espectadores e que teve sua trajetória iniciada no DEGASE, com a autorização e o acompanhamento de sua mãe. Entre os trabalhos que mais guarda carinho está “Lucas, o Jovem Tem Rosto”, experiência que marcou sua relação com o rap e com novas formas de expressão artística. Além do teatro, Herik divide seu tempo com as rodas culturais de rima e batalhas, levando a cultura periférica para diferentes espaços e ajudando a fazer essas vozes chegarem cada vez mais longe.

HERIK ISAK





DERICK OLIVER

QUANDO O TALENTO ENCONTRA O LUGAR CERTO

Há pessoas que chegam à arte procurando uma oportunidade. Outras chegam depois de tantas portas fechadas que já começam a acreditar que talvez aquele não seja o seu caminho.

Derick Oliver chegou ao GPMS quase assim: cansado de promessas vazias, de grupos que cobravam muito e entregavam pouco, e de coletivos que não levavam o trabalho artístico a sério.



Foi um colega de trabalho quem lhe apresentou o grupo. E foi ouvindo Leônidas falar que Derick decidiu tentar mais uma vez. A proposta era simples e, para ele, diferente de tudo o que havia encontrado: as oficinas e aulas eram gratuitas. Não havia promessas escondidas, nem nada nas entrelinhas. Era chegar, aprender e fazer.

Ele começou pela moda. Estudou passarela, ganhou confiança e teve aulas com Mery, uma instrutora que marcou sua formação. Na segunda aula, já participou de um teste de passarela e foi selecionado para desfilir para uma grife. Ali, Derick percebeu que não tinha apenas encontrado um grupo. Tinha encontrado um lugar onde podia estudar, se desenvolver e pertencer.

Com o tempo, novos caminhos apareceram. Depois da moda, veio o teatro. A oportunidade de integrar e estreiar como peça Oluko.

Hoje, Derick transita entre moda, teatro e dança. E sua trajetória dentro do GPMS também lhe permitiu acessar cursos e formações por meio de bolsas e parcerias, oportunidades que ajudaram a ampliar aquilo que ele já carregava dentro de si.

Talvez Pedro do Rosário, no Maranhão, ainda não imagine a dimensão do artista que saiu de suas terras. Mas Derick chegou ao Rio trazendo mais do que sonhos: trouxe talento, disposição para aprender e uma vontade imensa de ocupar seu lugar.

Porque alguns artistas precisam encontrar um palco. Derick precisava apenas encontrar quem acreditasse que ele já estava pronto para começar.

“Oluko – O Professor de Sonhos em Cartas”, em 2025 e 2026, trouxe uma nova alegria e marcou sua estreia nos palcos. O espetáculo aborda a realidade de menores de idade privados de liberdade dentro do sistema prisional e ampliou ainda mais sua experiência artística.



MERY RIBEIRO

EDIÇÃO SETEMBRO DE 2026

A mulher QUE TRANSFORMOU BELEZA EM ARTE

Alguns encontros parecem pequenos quando acontecem, mas mudam o rumo de uma vida.

Mery Ribeiro conheceu Leônidas em uma formatura. Os dois haviam participado do mesmo curso e, por acaso, pegaram o mesmo ônibus.

Na conversa, descobriram que moravam próximos. O convite de Leônidas para conhecer o GPMS mudaria para sempre sua relação com a arte e, principalmente, com ela mesma.

Aos 52 anos, Mery carrega uma trajetória construída dentro do grupo desde 1999. Quando chegou, encontrou algo que não havia experimentado em outros coletivos: pertencimento.

Ali, aquilo que antes parecia impedir sua presença simplesmente não tinha importância. Não era necessário ter o corpo certo, o cabelo certo, o rosto certo ou seguir um padrão para estar no palco.

No GPMS, o padrão era não ter padrão.

E foi nesse espaço que Mery começou a se descobrir.

Nos primeiros anos, vieram as aulas de passarela e também formações voltadas à postura e convivência: como se portar em público, etiqueta à mesa, relações interpessoais. Mas talvez as lições mais importantes tenham sido aquelas que ninguém escreveu em uma apostila.

Mery aprendeu a olhar para si.

Aprendeu que seu cabelo era bonito. Que sua pele tinha beleza. Que seus traços não precisavam ser escondidos ou corrigidos. Antes do GPMS, conta, incomodava-se com o cabelo e com o nariz e muitas vezes não conseguia enxergar em si a beleza que os outros poderiam ver.

Aos poucos, isso mudou.

Ela não mudou para se tornar bonita. Ela descobriu que já era.



***Feita de
Beleza,
Arte e
Criatividade***

“

Quando encontrou um lugar onde não era preciso caber em nenhum padrão, Mery descobriu que a beleza também podia ser uma forma de liberdade.

A BELEZA PRECISAVA

de uma Cor

Naquele período, encontrar produtos adequados para peles negras ainda era uma dificuldade. Na maquiagem dos espetáculos, Mery percebia que muitas vezes a pele de artistas negros acabava ficando acinzentada, distante de sua tonalidade natural.

Em vez de apenas reclamar, decidiu aprender.

Estudou maquiagem para conseguir maquiar a si mesma e também seus amigos. O que começou como uma necessidade transformou-se em conhecimento, profissão e mais uma linguagem artística.

Mery tornou-se maquiadora.

E aquilo que antes era uma dificuldade passou a ser também uma ferramenta de criação.

DO PALCO À CRIAÇÃO

Sua primeira peça no GPMS foi “Agnósticos”. Depois veio “Filhos de Sangue”. Mas sua trajetória não ficou restrita à atuação.

Mery estudou produção e, posteriormente, direção artística.

Hoje, ocupa justamente esse lugar dentro do grupo: é diretora artística do GPMS.

Sua criatividade também encontrou espaço na moda.

Ao lado de Leônidas, passou a criar figurinos e pensar visualmente os trabalhos do grupo. Antes mesmo de existir uma marca,

Mery já tinha o hábito de transformar tecidos e materiais em roupas para as sessões de fotos, criando novas possibilidades quando não havia figurinos suficientes.

Da necessidade nasceu a criação.

E da criação nasceu a Melo e Mery Black, marca desenvolvida por Mery e Leônidas.

Ela também atua como estilista, ajudando a construir a imagem dos modelos e personagens que passam pelo GPMS.

Mery é parte da história

É difícil falar do GPMS sem encontrar, em algum momento, a presença de Mery.



Musa Criadora

Ela está na maquiagem, no figurino, na criação, na direção artística, na passarela e no teatro. Está também em algo menos visível, mas talvez ainda mais importante: na construção da autoestima de quem chega. Sua trajetória revela uma das forças mais bonitas do grupo. O GPMS não ofereceu a Mery apenas um palco.

Ela está na maquiagem, no figurino, na criação, na direção artística, na passarela e no teatro. Está também em algo menos visível, mas talvez ainda mais importante: na construção da autoestima de quem chega. Sua trajetória revela uma das forças mais bonitas do grupo. O GPMS não ofereceu a Mery apenas um palco. Ofereceu um espelho.

Um espelho diferente daquele que tantas vezes devolve às mulheres negras a sensação de que precisam mudar alguma coisa para serem aceitas.

Ali, ela pôde enxergar seus próprios traços como herança, seu cabelo como beleza e sua criatividade como potência. E, depois de se encontrar, fez aquilo que os grandes artistas costumam fazer: começou a criar caminhos para que outras pessoas também pudessem se encontrar.

Mery Ribeiro não apenas passou pelo GPMS. Ela ajudou a construir a estética, a identidade e a beleza de uma parte dessa história.

E talvez seu maior trabalho seja justamente esse: transformar aquilo que um dia lhe disseram que não era bonito em matéria-prima para criar beleza.





“

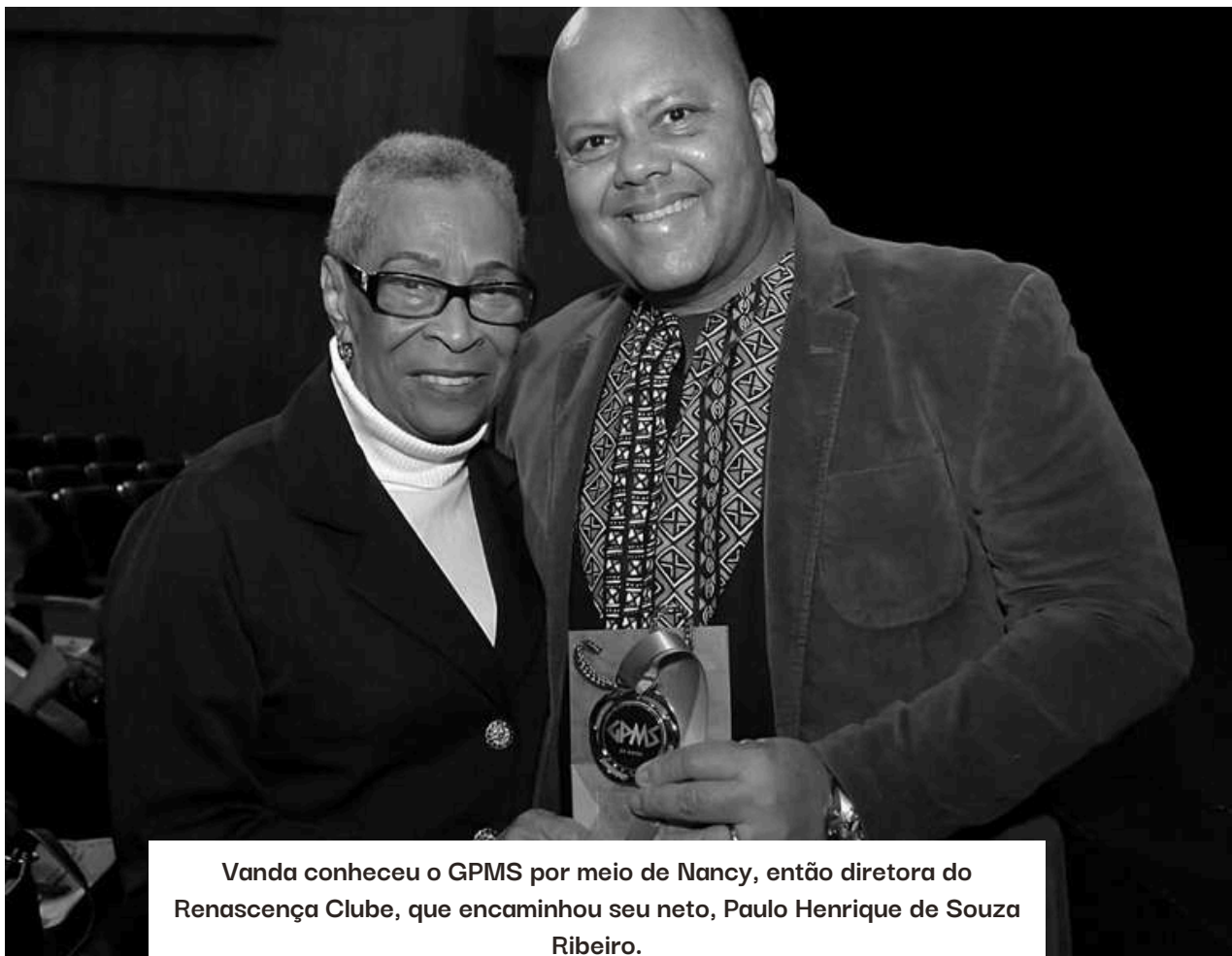
*Mery é parte da história
É difícil falar do GPMS sem encontrar, em
algum momento, a presença de Mery.*

”

VANDA FERREIRA

A madrinha do GPMS

Ativista negra, educadora e referência na luta por direitos, Vanda Maria de Souza Ferreira entrou para a história do GPMS em 2013, quando passou a atuar como madrinha do grupo. Sua chegada não foi apenas a aproximação de uma nova integrante, mas o encontro entre uma trajetória de décadas de luta e um coletivo que também fazia da arte um espaço de identidade, formação e pertencimento.



Vanda conheceu o GPMS por meio de Nancy, então diretora do Renascença Clube, que encaminhou seu neto, Paulo Henrique de Souza Ribeiro.

Paulo encontrou no grupo sua formação artística e tornou-se ator. Vanda, por sua vez, encontrou no GPMS um espaço que dialogava profundamente com aquilo que sempre defendeu: educação, cultura, dignidade e valorização da população negra.

Pedagoga e pós-graduada em História da África e do Negro no Brasil, Vanda construiu uma trajetória dedicada à educação, aos direitos humanos e ao combate à discriminação racial. Desde o magistério, trabalhou com a valorização da história e da cultura afro-brasileira e, ao longo das décadas, ocupou diferentes espaços de atuação social, educacional e cultural.

No GPMS, tornou-se madrinha e testemunha de uma história que ajudou a atravessar gerações. Para Vanda, o grupo representa o desenvolvimento de talentos e a formação de seres humanos, reconhecendo em Leônidas um mentor que exerce um papel exemplar nesse processo. Vanda não chegou ao GPMS para começar uma história. Ela chegou trazendo uma história inteira consigo, e passou a fazer parte de outra que ainda estava sendo escrita.



Oribel

Viabilizando a Cultura

A Associação Oribel é uma Organização da Sociedade Civil que atua nas áreas cultural e social, desenvolvendo projetos que têm como principal missão ampliar direitos, criar oportunidades e transformar realidades por meio da cultura, da educação, da informação e da participação social.

Nossa atuação acontece diretamente nos territórios, junto a crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, famílias, artistas e comunidades. Desenvolvemos projetos culturais, ações sociais, oficinas, atividades educativas, formação, teatro, literatura, cultura popular, patrimônio, música, dança e iniciativas de fortalecimento comunitário.

No campo social, trabalhamos também com grupos reflexivos, ações de prevenção, acolhimento, informação e conscientização, criando espaços de diálogo sobre questões que atravessam a vida das pessoas e das comunidades. Acreditamos que ouvir, orientar e criar espaços seguros de conversa também são formas de transformação.

Na cultura, atuamos para garantir que manifestações e artistas tenham espaço, visibilidade e oportunidades. Trabalhamos com quadrilhas juninas, Folias de Reis, teatro, literatura, música, dança, artesanato e outras expressões da cultura popular, valorizando principalmente aquilo que nasce nos territórios e é construído pelas próprias comunidades.

Nossa missão é fazer com que a cultura e as ações sociais cheguem a quem muitas vezes permanece distante das oportunidades, fortalecendo vínculos, estimulando talentos, preservando memórias e criando caminhos para que crianças e jovens possam enxergar novas possibilidades para suas vidas.

A Oribel acredita que transformação social não acontece apenas por meio de grandes estruturas. Ela começa quando uma pessoa encontra acolhimento, quando um jovem descobre seu talento, quando uma comunidade reconhece sua própria cultura e quando alguém percebe que também tem direito a sonhar.

É por isso que existimos: para transformar cultura em oportunidade, diálogo em mudança e projetos em ações capazes de impactar vidas.

 <https://oribel.org.br>

 (21) 9 7286-0452

 ASSOCIAÇÃO ORIBEL

 CONTATO@ORIBEL.ORG.BR

 @ORIBEL.ONG

 @ORIBEL.ONG
@ORIBEL.ONG.RIO

Ajude
NOSSOS PROJETOS
CHAVE PIX

Associação Oribel

